

## DEMANDA EFETIVA, EXPORTAÇÕES E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

(ou: Smith, Kalecki e North e os fundamentos de uma teoria do desenvolvimento de regiões periféricas em transição para o capitalismo)

Carlos Águedo Paiva<sup>1</sup>

*A importância da base de exportação resulta de seu papel determinante do nível de renda absoluto e per capita de uma região e, conseqüentemente, na determinação da quantidade de atividades locais, secundárias e terciárias, que se desenvolverão. Douglas North*

**Teoria da Localização e Crescimento Econômico Regional**

### 1. De Smith a North

A *Riqueza das Nações* é legitimamente saudada como a obra fundadora da Ciência Econômica. Mas ela está longe de ser um raio num dia de céu azul. O que diferencia a obra de Smith da obra de seus grandes predecessores – como Bodin, Petty, Hume, Quesnay, etc. - é que ele **vive, observa e teoriza o momento crucial da longa transição para o capitalismo: a emergência da grande indústria**. E o fará de uma perspectiva privilegiada: da perspectiva de um membro da elite cultural da burguesia ascendente na primeira nação a transitar para a ordem mercantil-industrial.

Neste sentido, Smith será, como Marx, um teórico da transição. Mas, à diferença deste último, Smith não centra sua análise na gênese e desenvolvimento das relações mercantis nas regiões que se consolidaram como pólo motriz do capitalismo mundial, mas nos desdobramentos deste desenvolvimento polarizado sobre regiões e/ou nações originalmente à margem deste pólo (como a sua Escócia). O que faz da sua obra maior, mais do que uma “investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações”, uma “investigação sobre a natureza e as causas do desenvolvimento mercantil em **regiões em transição desigual e combinada para o capitalismo**”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Doutor em Economia pelo Instituto de Economia da Unicamp, Pesquisador da Fundação de Economia e Estatística e Professor do PPGDR da Universidade de Santa Cruz.

<sup>2</sup> Vale lembrar que, para Smith, a teoria do desenvolvimento nacional não se diferencia da teoria do desenvolvimento regional. E isto porque este autor pressupõe, **equivocadamente**, que o intercâmbio internacional se assenta na existência de diferenciais **absolutos** de custo; exigência que, de fato, impõem-se tão somente para as trocas inter-regionais. Teremos de esperar até Ricardo para que nossa ciência passe a determinar a distinção entre nação e região pelos diferenciais de mobilidade de capital e de trabalho e, por consequência, pelos diferentes padrões - “relativo” ou “absoluto” - de vantagens competitivas necessárias,

Quase duzentos anos mais tarde, Douglas North tomará para si a problemática “regional” inaugurada por Smith. Sem dar qualquer atenção aos processos que geraram o núcleo dinâmico do sistema (que simplesmente são tomados como “dados”), North vai focar nas potencialidades abertas para a periferia do mesmo. E o mais interessante é que North chegará – sem o perceber, em 1955, e sem dar a devida atenção, em 1959<sup>3</sup> – a conclusões virtualmente idênticas às de Smith.

Na realidade, no texto de 1955, North vai pretender (na contramão de Smith) que a teoria convencional do desenvolvimento regional<sup>4</sup> seria pertinente para a Europa e demais “regiões velhas”. Seu único equívoco seria desconhecer a especificidade do desenvolvimento “Novos Mundos”, que já se constituíram como regiões especializadas na produção de mercadorias para as regiões/nações que articulam o processo de ocupação e expansão da fronteira agrícola.

É só no trabalho de 1959 que North vai compreender que seu modelo não é mais do que uma forma particular (e, acrescentaríamos, particularmente correta) do modelo de desenvolvimento de Smith. Fato que reconhecerá em um parágrafo tão exíguo quanto esclarecedor. Em suas palavras:

“O argumento pode ser defendido, grosso modo, da seguinte maneira: 1) a especialização e a divisão do trabalho constituem os fatores mais importantes da expansão inicial das regiões; 2) a produção de bens para a venda fora da região induz essa especialização; e 3) o engajamento na economia internacional (ou na nacional, no caso de algumas regiões dos Estados Unidos) nos últimos dois séculos tem sido o

---

respectivamente, ao intercâmbio internacional e ao intercâmbio inter-regional. Para nós, o que importa entender é que, a despeito dos *insights* de Smith acerca do desenvolvimento servirem de referência para reflexões nos mais diversos planos geo-políticos e territoriais, sua máxima determinação e correção se manifesta apenas quando os circunscrevemos **ao campo das relações econômicas entre regiões de um mesmo país**. Por razões distintas, esta indiferenciação entre intercâmbio inter-regional e internacional se também vai estar presente em Kalecki e em North (que sequer tratam da distinção entre vantagens absolutas e relativas-comparativas). **Por isto mesmo, sempre que falamos em exportações neste trabalho estamos nos referindo a vendas para mercados extra-regionais; vale dizer, para mercados (da mesma nação ou de outras nações, tanto faz) cuja renda interna e cuja demanda interna e do exterior não dependem de forma significativa da renda e da demanda do mercado regional periférico sob análise.**

<sup>3</sup> Em 1955, North publicou no *Journal of Political Economy* sua primeira grande contribuição à Teoria do Desenvolvimento, intitulado “Teoria da Localização e Crescimento Econômico Regional”. O mesmo argumento foi refinado e reapresentado quatro anos depois em “A Agricultura no Crescimento Econômico Regional”, publicado no *Journal of Farm Economics*.

<sup>4</sup> Que, segundo North, afirmaria a existência de uma trajetória única e contínua de desenvolvimento, caracterizada pela mercantilização e especialização paulatinas da produção autárquica (vale dizer: a diversificada produção agrícola e artesanal destinada ao auto-consumo), que conduz, no longo prazo, a unidades especializadas e de escala ótima que produzem bens agrícolas, industriais e serviços para um mercado cada vez mais unificado (globalizado). Sobre este ponto, veja-se North, 1955, pp. 293/4.

caminho, através do qual várias regiões e nações tem alcançado o desenvolvimento econômico. Naturalmente, este é o argumento clássico de Adam Smith, recentemente reformulado de forma sucinta no título de um artigo de George Stigler, ‘The division of labor is limited by the extent of the market’ (North, 1959, pp.334/5).

Ora, ao reivindicar-se do argumento clássico de Smith, North está reconhecendo a dimensão universal de seu próprio modelo. Afinal, as observações de Smith tem por referência empírica os processos de desenvolvimento coetâneos de regiões/países do Velho Mundo. Vale dizer: ao contrário do que havia pretendido em seu trabalho de 55, North deixa de circunscrever a pertinência de seu modelo de desenvolvimento à fronteira agrícola/agrária dos países do “Novo Mundo”. Mas – surpreendentemente – parece não se dar conta disto. E em flagrante contradição com a passagem supracitada, dirá, na sequência imediata da mesma:

“Embora não discorde de Schultz quanto ao fato de que bens manufaturados .... conheceram a mais rápida expansão da demanda na recente história econômica dos EUA, em contraste com a inelasticidade-renda da demanda de bens agrícolas, a crescente demanda de bens agrícolas no século XIX e as perspectivas para muitos produtos primários na agricultura mundial no presente século, **torna atípico o caso dos Estados Unidos (e algumas outras nações industriais) nos anos recentes.** (North, 1959, p. 335; o negrito é meu.)

As tergiversações de North acerca do caráter universal ou particular de seu modelo de desenvolvimento regional, bem como acerca do caráter necessário e suficiente ou necessário e insuficiente das exportações para (dar início a) o processo de desenvolvimento só podem ser entendidas se se entende que este autor abarca duas questões distintas baixo uma única investigação. Na verdade, o autor confunde a questão do padrão necessário e universal de incorporação ainda periférica de territórios e estruturas econômicas pré-mercantis à ordem capitalista (que vamos chamar Questão do Engate) com a questão relacionada, mas distinta, das condições necessárias e suficientes para que a referida transição capitalista se dê de forma a gerar uma economia urbana-industrial apta ao desenvolvimento endógeno sustentado (chamemo-la, Questão da Endogenia). E como se esta confusão já não fosse suficiente para gerar incompreensões, North, em seu trabalho de 59, vai impor uma nova circunscrição a seu modelo de “Base de Exportação”, ao virtualmente reduzi-lo a um modelo “Primário Exportador”.

O problema desta segunda circunscrição não é de ordem analítica. North tem

todo o direito de simplificar seu modelo adotando a hipótese mais plausível (como o demonstram inúmeras pesquisas empíricas<sup>5</sup>) de que economias periféricas e subdesenvolvidas em termos mercantis-capitalistas apresentem um baixo nível de acumulação de capital fixo, humano e social<sup>6</sup> aplicado (e/ou aplicável) em atividades urbanas e um nível relativamente superior dos mesmos capitais aplicados em atividades voltadas à produção de alimentos e insumos primários. O que impõe a conclusão de que o **“padrão normal”** de incorporação de áreas periféricas ao núcleo mercantil dinâmico de um sistema é a produção e exportação de produtos primários para àquele núcleo.

Só que este “padrão normal” não é impositivo sequer para o enfrentamento da “Questão do Engate”. Afinal, uma região periférica pode ser uma região decadente, que preserva e sub-utiliza uma “memória-capital” tipicamente urbana. E esta memória-capital pode ser o fundamento material de uma reinserção nos fluxos virtuosos do desenvolvimento por especialização / exportação / diversificação produtiva interna.

Mas isto não é tudo. A verdade é que o “padrão normal” (mas não rigorosamente necessário) de Engate, não só não é suficiente para garantir sustentabilidade endógena ao crescimento, como, em circunstâncias determinadas (mas não excepcionais), pode minar os estímulos econômicos à diversificação em direção a atividades urbanas de maior dinamismo econômico potencial. Nestes casos, **o crescimento via exportação de produtos primários pode vir a se constituir num obstáculo à almejada endogeneização do crescimento.**

Infelizmente, porém, North não é claro sobre estas questões. Na verdade, suas tergiversações acerca da universalidade ou singularidade de seu modelo se somam à complexidade dialética do objeto para gerar as mais diversas interpretações de sua obra. Inclusive interpretações que tomam sua descrição do “padrão normal” de engate como uma defesa *tout court* da especialização de regiões e nações subdesenvolvidas na produção de bens primários para a exportação.

Na contramão desta leitura, pretendemos que **as contribuições de North para**

---

<sup>5</sup> A este respeito, veja-se “Teoria do Crescimento Econômico baseado no Produto Primário”, de Melville Watkins, em Schwartzman, 1977, pp 255 e segs.

<sup>6</sup> Visando salientar a importância das dimensões humana e social da acumulação de capital necessário ao “engate”, estamos sintetizando as três formas básicas de capital suprarreferidas na denominação “memória capital.”

**a teoria do desenvolvimento regional podem e devem ser lidas como o fundamento necessário de políticas públicas consequentes de estímulo ao desenvolvimento urbano-industrial endógeno de territórios em transição tardia para o capitalismo.** Uma interpretação, que, contudo, pressupõe re-assentar o modelo de North sobre bases teóricas consistentes. Vale dizer, sobre bases clássicas (em particular, sobre Smith) e pós-keynesianas (com ênfase em Kalecki). Senão vejamos.

## **2. A teoria smithiana do desenvolvimento**

Na Introdução e nos primeiros capítulos do Livro 1 de *A Riqueza das Nações* Smith apresenta os lineamentos gerais de uma teoria do desenvolvimento capitalista que influenciará um amplo conjunto de autores, de Marx a Nelson e Winter, passando por Marshall, Knight, Schumpeter, Penrose e North. Segundo Hodgson

“The genesis of the competence-based theory of the firm can be traced back to Adam Smith, ... [who] argued that the division of labor within the firm meant that workers could specialize and enhance their skills through learning-by-doing. Labor productivity was thus increased. This productivity growth in turn led to more sales and the enlargement of the market. In turn, greater demand for products encouraged factory-owners to expand their activities and subdivide the labor process even further. Smith, thus, described a process of cumulative causation: a virtuous circle of economic growth and prosperity. This was not a story of static equilibrium, instead a tale of dynamic growth and development, in which individual skills are progressively enhanced”. (Hodgson, 1999, p. 261)

Do nosso ponto de vista, ainda mais relevante do que reconhecer que Smith é precursor das modernas teorias evolucionárias do desenvolvimento, é o reconhecimento de que a teoria smithiana do progresso técnico subordina o *learning* ao *doing*. A compreensão deste ponto é central para que se entenda que – a despeito das aparências em contrário – **o progresso técnico não é, nem o motor, nem o gargalo do desenvolvimento em Smith.** Na medida em que o *learning* se desdobra do *doing* especializado<sup>7</sup>, o problema do desenvolvimento passa a ser como generalizar este padrão de *doing*. E o gargalo smithiano (subestimado na síntese de Hodgson) é o tamanho do mercado. Para que se entenda este

---

<sup>7</sup> Seja este o “doing” do operário, seja o do mestre-artesão, seja o do empresário, seja o do cientista. Segundo o autor: “Com o progresso da sociedade, a filosofia ou pesquisa torna-se, como qualquer ofício, a ocupação principal ou exclusiva de uma categoria específica de pessoas. Como qualquer outro ofício, também esse está subdividido em grande número de setores ou áreas diferentes, cada uma das quais oferece trabalho a uma categoria especial de filósofos; e essa subdivisão do trabalho filosófico, da mesma forma como em qualquer outra ocupação, melhora e aperfeiçoa a destreza e proporciona economia de tempo. Cada indivíduo torna-se

ponto crucial temos de sistematizar a teoria do desenvolvimento de Smith.

Seja uma economia que produz um único bem final – Z - e dois componentes deste mesmo bem - X e Y. O bem Z é estocável, mas não seus componentes; de forma que, a cada momento, o valor do produto social corresponde à quantidade produzida do bem Z, expressa por  $Q_z$ . O ponto de partida de Smith é a pretensão de que

$$(1) \quad \text{Produto} = Q_z = f(\text{PTr}; \text{PO})$$

Onde a Produtividade do Trabalho (PTr) não é mais do que a quantidade produzida de Z dividida pela População Ocupada (PO). De forma que a equação acima pode ser expressa como

$$(1') \quad Q_z = (Q_z / \text{PO}) \times \text{PO}$$

A equação (1') é tautológica. Mas incorreria em erro quem subestimasse a importância da mesma. E isto porque, ao dividir o produto em dois componentes, Smith está buscando distinguir as variáveis responsáveis pela flutuação do produto no curto e no longo prazo. No curto prazo, a produção seria função do nível de **emprego**, representado pela PO<sup>8</sup>. Mas, para o autor, as diferenças mais notáveis no produto total e per capita das distintas nações e regiões são explicadas por diferenças na produtividade do trabalho (Smith, 1983, pp. 35/6). O que o leva a privilegiar a investigação dos determinantes desta última. E sua conclusão é que “o maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho ... parecem ter sido resultados da divisão do trabalho” (Smith, 1983, p. 41); na medida em que a divisão do trabalho leva à especialização dos trabalhadores em tarefas relativamente simples que ampliam a produtividade do trabalho manual e facilitam a introdução de instrumentos e máquinas planejadas para operações estritamente especificadas. Seja DETr a Divisão/Especialização do Trabalho. Então,

---

mais hábil em seu setor específico, o volume de trabalho produzido é maior, aumentando também consideravelmente o cabedal científico.” (SMITH, 1983, p.45.)

<sup>8</sup> Na verdade, a PO de Smith não é composta apenas de “empregados assalariados” mas de artesãos e camponeses “auto-empregados”. Tal fato introduz particularidades no que diz respeito à determinação do nível de emprego e produção que não podem ser analisados aqui. Por enquanto, o que importa entender é tão somente **que o sistema de Smith é consistente com o sistema keyneso-kaleckiano**. Afinal, como se pode apreender de uma leitura atenta do Capítulo VII do Livro I, os preços naturais em Smith, mais do que preços de “equilíbrio de longo prazo”, são preços de referência que limitam a variação dos preços de mercado e determinam que parcela expressiva do ajuste a flutuações de demanda se dê pela variação dos estoques e da quantidade produzida. Vale dizer: **no sistema smithiano, as funções oferta de curto e de longo prazo são marcadamente elásticas, de forma que a determinação do produto (da firma e agregado) não pode se dar independentemente da demanda**. Voltaremos a este ponto mais adiante.

$$(2) \quad PTr = g(DETr);$$

Mas se o aumento da DETr no interior da firma amplia a produtividade por que as empresas adotam padrões tecnológicos sub-ótimos? ... A resposta de Smith, é que o tamanho do mercado (TM) define a produção vendável ao preço natural e, por consequência, define o padrão de divisão do trabalho do sistema. Em termos formais

$$(3) \quad DETr = h(TM)$$

Ora, na correta interpretação de Stigler

“When Adam Smith advanced his famous theorem that the division of labor is limited by the extent of the market, he created ... a ... dilemma. If this proposition is generally applicable, should there not be monopolies in most industries? So long as the further division of labor (by which we may understand the further specialization of labor and machines) offers lower costs for larger outputs, entrepreneurs will gain by combining or expanding and driving out rivals. And here was the dilemma: either the division of labor is limited by the extent of the market, and, characteristically, industries are monopolized; or industries are characteristically competitive, and the theorem is false or of little significance.” (Stigler, 1951, p 185.)

Stigler tentará enfrentar esta contradição. Seu ponto de partida é o reconhecimento (extraído de Marshall) de que a escala que realmente importa para a ampliação da produtividade do trabalho é a escala do mercado consumidor. Enquanto o mercado é pequeno, a especialização de tarefas tende a ocorrer no interior das poucas firmas que o mercado é capaz de sustentar. Mas com o crescimento do mercado, a especialização se imporia, não apenas sobre as tarefas realizadas no interior de uma mesma firma, mas, igualmente bem, no interior das próprias firmas, que sofreriam uma crescente desintegração vertical e multiplicação horizontal. Tal movimento, imporia a emergência de padrões crescentemente competitivos nos distintos mercados, e as firmas passariam a se deparar com funções demanda individuais crescentemente elásticas.

Ora, não há como deixar de saudar esta contribuição teórica de Stigler. Além de antecipar Hodgson na demonstração do caráter “evolucionista” da teoria smithiana da concorrência, Stigler contribui para a demonstração da consistência das teorias smithianas da concorrência, acumulação e distribuição de renda<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Como se sabe, Smith deriva a tendência à queda da taxa de lucro do aprofundamento da concorrência associada à acumulação de capital. A este respeito, veja-se, em particular, o capítulo IX – “Os Lucros do Capital” - de Smith, 1983, pp. 109 e segs.

É bem verdade que Stigler leva estes desenvolvimentos de Smith longe demais, concluindo que a acumulação conduz à padrões de organização industrial cada vez mais competitivos<sup>10</sup>. Contudo, o que realmente importa entender aqui é que **Stigler demonstra que o Teorema de Smith se aplica de forma particularmente consistente a economias periféricas a um determinado núcleo dinâmico capitalista; vale dizer, a economias marcadas por um mercado interno restrito (em função das restrições à divisão interna do trabalho) e pelo desemprego, subemprego ou emprego sub-ótimo dos fatores de produção disponíveis regionalmente.**

A conclusão necessária do conjunto dos desenvolvimentos anteriores é que, em economias periféricas, o tamanho do mercado é o principal obstáculo ao crescimento da produtividade e da produção. Assim, se integramos as equações 1, 2 e 3 acima, a renda passa a ser função exclusiva do tamanho do mercado.

$$(4) \quad Q_Z = f(O)g(O)h(TM)$$

Mas se o tamanho do mercado é o gargalo que define, simultaneamente, o produto, o investimento e o padrão técnico de produção, o que determina o tamanho deste gargalo e como as firmas poderiam “alargá-lo”? ... As respostas de Smith a estas duas perguntas são canônicas, e definem a ascendência smithiana do modelo de North. O jogo reproduzido abaixo facilita a compreensão deste ponto.

Seja um jogo não cooperativo entre dois produtores, “Dinf” (Desinformado) e “Ig” (Ignorante). Os produtores trabalham  $n$  horas por dia em dois turnos. No início de cada turno, é possível alterar as técnicas de produção; mas não durante os mesmos. Existem apenas duas técnicas alternativas de produção: a técnica “A” (Autárquica), e a técnica “E” (Especializada). Na técnica A, o bem Z é produzido integralmente pelo mesmo produtor, desde a extração (por hipótese, gratuita) das matérias-primas, até o acabamento final. A técnica alternativa, E, envolve a especialização dos produtores em dois processos de trabalho distintos; a produção do componente X e a produção do componente Y. Qualquer dos dois produtores domina a técnica A; mas apenas Dinf domina a técnica de produção de X e apenas Ig domina a técnica de produção de Y. A montagem de Z a partir de X e Y faz-

---

<sup>10</sup> Essencialmente no mesmo sentido vão as conclusões de Clifton, 1977, pp. 135 e segs. Alternativamente, vemos a construção de Smith como coerente com as perspectivas de Marx (1985, pp. 141/2) e Schumpeter



se sem custos e fora do ambiente de trabalho. Como X e Y não podem ser estocados (deterioram-se ao final do dia), os produtores transformam em Z os pares de componentes sob seu controle ao final de cada período de produção e troca.

No início de cada dia, Dinf e Ig tem que decidir quantos turnos t (dentre as opções 0,1,2) eles vão dedicar à técnica E quantos turnos (2 – t) eles vão dedicar à técnica A. A decisão é tomada simultaneamente e os jogadores não podem se comunicar, não sendo possível qualquer forma de colusão<sup>11</sup>. Neste caso,

$$(5) \quad Q_Z = Q_{ZA} + Q_{ZE} = Q_{ZA} + \min(X, Y);$$

onde  $Q_{ZA}$  é a quantidade de Z produzida sob a técnica A; e  $Q_{ZE}$  a quantidade produzida de acordo com a técnica, que será igual à quantidade produzida de X, se  $X \leq Y$ , ou igual à quantidade de Y, se  $X > Y$ .

A produtividade do trabalho autárquico é significativamente menor que a produtividade do trabalho especializado. Mais exatamente, em um turno de produção, Dinf pode produzir, alternativamente, uma unidade de  $Q_{ZA}$ , ou quinze unidades de componente X; enquanto, no mesmo período, Ig pode produzir uma unidade  $Q_{ZA}$  ou quinze unidades de Y. De forma que:

$$(6) \quad Q_{ZA} = Q_{ZA_{Dinf}} + Q_{ZA_{Ig}} = (2 - t_{Dinf}) + (2 - t_{Ig})$$

$$(7) \quad X = 15 t_{Dinf}$$

$$(8) \quad Y = 15 t_{Ig}$$

$$(9) \quad Q_Z = (2 - t_{Dinf}) + (2 - t_{Ig}) + 15 [\min(t_{Dinf}, t_{Ig})]$$

A troca realiza-se ao final do segundo turno de trabalho. Os preços são rígidos e definidos pelo custo de produção (em horas trabalho); de sorte que o sistema se equilibra pela variação das quantidades produzidas de  $Q_{ZA}$ , X e Y. Se algum jogador produz componentes em excesso (o que ocorre sempre que  $X \neq Y$ ), não se altera a relação de intercâmbio entre os componentes, pois o proprietário do componente produzido em

---

(1984, caps 7 e 8), segundo os quais a evolução dos padrões competitivos altera a **forma** da “imperfeição” dos mercados e indústrias capitalistas sem jamais negá-la.

<sup>11</sup>Esta hipótese, arbitrária num jogo com apenas dois jogadores, busca representar a ineficiência da (e, no limite, a impossibilidade de) comunicação quando o “jogo smithiano da especialização” se realiza num mercado em construção caracterizado pela presença de inúmeros jogadores, inúmeros produtos e inúmeras técnicas alternativas de produção.

excesso não coloca no mercado o montante que ultrapassa a demanda efetiva<sup>12</sup> do outro produtor.

Se tomamos  $Z$  como unidade de conta ( $p_z = 1$   $z$ ), então a relação de intercâmbio entre  $Z$ ,  $X$  e  $Y$  é tal que

$$(11) \quad p_x = p_y = \frac{1}{2} z.$$

Com este conjunto de informações, podemos calcular a renda (ou, se se preferir, o pay-off) de cada jogador em termos de  $Q_Z$ . Seja  $D_{inf}Q_Z$  a renda de  $D_{inf}$  e  $I_{g}Q_Z$  a renda de  $I_g$ . Então

$$(13) \quad D_{inf}Q_Z = (2 - t_{D_{inf}}) + \frac{1}{2} [\min(X, Y)] = (2 - t_{D_{inf}}) + \frac{1}{2} \{15 [\min(t_{D_{inf}}, t_{I_g})]\} = \\ = (2 - t_{D_{inf}}) + 7,5 [\min(t_{D_{inf}}, t_{I_g})];$$

e, analogamente,

$$(14) \quad I_gQ_Z = (2 - t_{I_g}) + 7,5 [\min(t_{D_{inf}}, t_{I_g})].$$

A Tabela abaixo apresenta os pay-offs de cada jogador associados às distintas combinações de estratégias de produção autárquica e especializada.

Jogo Smithiano da Especialização

$D_{inf} \setminus I_g$	$t_{I_g} = 0$	$t_{I_g} = 1$	$t_{I_g} = 2$
$t_{D_{inf}} = 0$	<b>2; 2</b>	2; 1	2; 0
$t_{D_{inf}} = 1$	1; 2	<b>8,5; 8,5</b>	8,5; 7,5
$t_{D_{inf}} = 2$	0; 2	7,5; 8,5	<b>15; 15</b>

Como se pode observar, este jogo apresenta três equilíbrios de Nash, que correspondem às situações em que  $t_{D_{inf}} = t_{I_g}$ . Suponhamos – na esteira de Smith – que nos encontramos, originalmente, em  $t_{D_{inf}} = t_{I_g} = 0$ . É fácil perceber que nem  $I_g$ , nem  $D_{inf}$ , têm incentivos para diminuir o número de turnos dedicado à produção autárquica, se não esperarem o mesmo movimento do outro jogador. E, como é evidente, o jogo “real” da especialização envolve um sem-número de jogadores. De forma que não há como esperar que todos e cada um adotem o padrão de especialização consistente com a maximização da utilidade individual e social se não há espaço para a cooperação.

Ou, para ir ao centro da contradição anunciada por Smith: a ampliação do bem estar associado à ampliação da produtividade e da divisão do trabalho é um processo social e

<sup>12</sup> Entendida aqui no sentido de Smith, como a quantidade demandada ao preço natural (Smith, 1983, p. 85).

econômico muito complexo, que parece pressupor algum tipo de coordenação. Entretanto, algumas regiões/nações transitam para a ordem mercantil, independentemente da montagem de estruturas regulatórias eficientes na estimulação da especialização e mercantilização da produção. Por quê?

Smith não chega a responder de forma rigorosa esta questão. Mas anuncia uma resposta que fará escola quase dois séculos após a publicação de sua obra maior: a teoria da base de exportação. Segundo o autor,

“o transporte ..... abre um mercado mais vasto para qualquer tipo de trabalho ..... [e] é natural que os primeiros aperfeiçoamentos das artes e da manufatura se operem lá onde [o acesso a meios de transporte de baixo custo] ... abrir mercado do mundo inteiro para a produção de cada tipo de profissão ... .” (Smith, 1983, pp 54)

Esta solução de Smith é muito mais potente do que se poderia pensar num primeiro momento. Nos termos do jogo anterior, a introdução da alternativa de exportar e importar impede a emergência de equilíbrios sub-ótimos. Senão vejamos.

Suponhamos que os custos de transporte e de conquista do novo mercado sejam tais que a relação de intercâmbio entre componentes importados (m) e componentes produzidos na região (r) seja

$$(15) \quad p_x(m) = p_y(m) = 2 \quad p_x(r) = 2 \quad p_y(r) = 1 \quad z(r);$$

Neste caso, as equações de determinação da renda  $Q_Z$  dos jogadores  $D_{inf}$  e  $I_g$  não são mais adequadamente representadas por (13) e (14), respectivamente. Afinal, a eventual produção excedente *vis-à-vis* a demanda interna pode ser canalizada para o exterior. Em termos formais  $D_{inf}Q_Z$  passa a ser tal ,

$$(16) \quad D_{inf}Q_Z = (2 - t_{D_{inf}}) + 7,5 \quad t_{D_{inf}}, \text{ se } t_{D_{inf}} < t_{I_g}; \text{ ou}$$

$$D_{inf}Q_Z = (2 - t_{D_{inf}}) + 7,5 \quad t_{I_g} + 5 (t_{D_{inf}} - t_{I_g}), \text{ se } t_{D_{inf}} \geq t_{I_g}.$$

Da mesma forma, a renda do produtor Ignorante é tal que

$$(17) \quad I_gQ_Z = (2 - t_{I_g}) + 7,5 \quad t_{I_g}, \text{ se } t_{I_g} < t_{D_{inf}}; \text{ ou}$$

$$I_gQ_Z = (2 - t_{I_g}) + 7,5 \quad t_{D_{inf}} + 5 (t_{I_g} - t_{D_{inf}}), \text{ se } t_{I_g} \geq t_{D_{inf}}.$$

O quadro de pay-offs deste jogo, bem como seu único equilíbrio de Nash estão representados abaixo.

### Jogo Smithiano da Especialização com Exportações

Dinf \ Ig	$t_{Ig} = 0$	$t_{Ig} = 1$	$t_{Ig} = 2$
$t_{Dinf} = 0$	2; 2	2; 6	2; <b>10</b>
$t_{Dinf} = 1$	6; 2	8,5; 8,5	8,5; <b>12,5</b>
$t_{Dinf} = 2$	<b>10; 2</b>	<b>12,5; 8,5</b>	<b>15; 15</b>

A grande novidade da introdução da alternativa exportadora é que ela determina que a estratégia de produção especializada torna-se estritamente dominante para Dinf e Ig.. Porém, é preciso não se deixar iludir pela simplicidade do jogo anterior. No mundo real, a transição de (2; 2) para (15; 15) é longa e complexa. E isto na exata medida em que os custos de transporte e transação inerentes à realização no exterior da produção local não são plenamente conhecidos *ex-ante*. Na realidade, estes custos sequer devem ser estáveis; diminuindo com o volume e o tempo da relação comercial<sup>13</sup>.

Suponhamos que Ig (que ignora sua ignorância sobre a rentabilidade desta estratégia) inicie a transição para uma economia mercantil. Suponhamos ainda que, apesar de ignorante, Ig privilegia transições paulatinas a transições abruptas. Neste caso, Ig irá transitar da estratégia  $t_{Ig} = 0$  para a estratégia  $t_{Ig} = 1$ , auferindo um pay-off de 6 Zs.

Mas a especialização parcial de Ig é a condição necessária e suficiente para que Dinf abandone sua opção autárquica. Afinal, por menores que sejam os custos de transferência de longo prazo, em condições normais, eles são superiores aos custos inerentes a transações realizadas na própria região. De forma que – a despeito de sua aversão ao risco e à incerteza –, Dinf também irá transitar da estratégia  $t_{Dinf} = 0$  para  $t_{Dinf} = 1$ . O que estimulará Ig a adotar a plena especialização, auferindo um pay-off de 12,5 Zs. O último movimento é o de Dinf, que passa a dedicar dois turnos de trabalho à produção especializada, conduzindo o sistema para seu equilíbrio ótimo.

<sup>13</sup> Chamemos de custos de transferência ao somatório de custos de transporte e transação. A dificuldade em se avaliar a rentabilidade da produção para exportação não se encontra propriamente na dificuldade em se avaliar **custos iniciais de transferência**, mas, isto sim, na dificuldade em avaliar os **custos de transferência de longo prazo**, bem como o padrão de transição para estes.

### 3. Kalecki, filho de Smith e pai de North

Os traços “clássicos” de Kalecki são bastante conhecidos. Mas os traços “kaleckianos” de Smith não são menos marcantes. Desde logo, chama a atenção a preocupação com o realismo da modelagem, que se desdobra em argutas diferenciações nos padrões setoriais (agropecuária, indústria, serviços, etc.) e regionais (rural e urbano, central e periférico) de determinação de preços, estoques, acumulação, inovação, distribuição de resultados e desenvolvimento.

Não há porque surpreendermo-nos, pois, com a evidente inflexão kaleckiana (e steindliana) do “Teorema de Smith”<sup>14</sup>. Afinal, este Teorema não se refere ao curto prazo - onde, *a la* Keynes e Smith, se define a PO -, mas ao longo prazo - onde, *a la* Smith, Kalecki e Steindl se definem, simultaneamente, o estoque de capital e o padrão técnico de produção<sup>15</sup>. Na verdade, **o Teorema de Smith é o resultado de um conjunto encadeado de hipóteses sobre o padrão de acumulação e inovação típico de firmas operando com elevado grau de monopólio em mercados caracterizados pela anarquia das decisões de investimento e pelas circunscrições informacionais e organizacionais dos agentes econômicos**<sup>16</sup>.

É bem verdade que, ao contrário de Kalecki, Smith parece circunscrever a plena validade de seu Teorema a economias periféricas. Mas esta diferença é irrelevante para nós, uma vez que – na esteira de North - elegemos justamente tais economias como objeto. Neste sentido, a única diferença entre Smith e Kalecki que vai nos interessar é o fato de

---

<sup>14</sup> Como já vimos, Stigler assim denomina a tese smithiana de que a divisão do trabalho é limitada pela extensão do mercado.

<sup>15</sup> Como se sabe, para Keynes o princípio da demanda efetiva só se aplica ao curto prazo. Sua resistência aos esforços de Kalecki de fundar uma teoria da dinâmica de longo prazo sobre este princípio são bastante conhecidas. Em suas diversas apreciações negativas dos trabalhos de Kalecki, encontramos passagens reveladoras, como esta, numa missiva para Kaldor: “Here is Kalecki’s article. As I said the other night, after a highly rational introduction of a couple of pages my first impression is that it becomes high, almost delirious, nonsense. ... Is it not rather odd when dealing with long run problems to start with the assumptions that all firms are always working below capacity?” (Osiatynski, 1991, p. 530). Para um tratamento sistemático destas diferenças, veja-se Paiva, 1996, pp. 70 e segs.

<sup>16</sup> É impossível deixar de se surpreender com a complexidade e atualidade desta construção smithiana, bem como com o contraste da mesma com a construção teórica quase coetânea de Ricardo. Por oposição à Smith, os agentes econômicos ricardianos são estritamente racionais, perfeitamente bem informados e perfeitamente competitivos. Hipóteses que conduzem à supressão dos obstáculos especificamente econômico à acumulação; mormente aqueles referidos à “insuficiência” da demanda efetiva. Os limites ricardianos do crescimento passam a ser definido, então, por uma conjunção de obstáculos técnicos (fertilidade do solo, progresso técnico-científico, etc) e político-distributivos (conflito entre lucros e salários).

que, para o primeiro, a principal alternativa à produção mercantil é a autarquização e o auto-emprego, enquanto para Kalecki, que toma como referência uma economia onde todo o trabalho é assalariado, a principal alternativa aberta à produção mercantil é o desemprego e a emigração da região periférica.

Ora, a versão mais simples do modelo de North é aquela em que o princípio da demanda efetiva apresenta plena validade enquanto “anti-lei de Say”<sup>17</sup>. O que significa abstrair toda a forma de emprego para além da forma assalariada, e toda a forma de produção para o consumo que não a mercantil. Nestas circunstâncias, a introdução de hipóteses e instrumentos analíticos especificamente kaleckianos ao modelo de North facilita sobremaneira a compreensão de algumas das suas conclusões mais surpreendentes. Senão vejamos.

Seja uma economia periférica P, na fronteira agrícola do sistema, recentemente ocupada enquanto empreendimento capitalista<sup>18</sup>. Os colonos emigrados para a fronteira são de dois estratos sociais distintos: o dos terratenentes-empresários-capitalistas e o dos assalariados. O governo não garante infra-estrutura para a ocupação, nem adota políticas de fomento às atividades no oeste. Podemos abstrair-lo (pelo menos, inicialmente).

A renda bruta da economia P pode ser dividida, então, em duas categorias: a renda do trabalho, que corresponde integralmente aos salários pagos; e a renda excedente bruta, que é igual ao lucro bruto (vale dizer, antes da depreciação e de eventuais pagamento de dividendos, juros ou aluguéis) dos kistas:

$$(i) \quad Y_P = L_P + S_P$$

Os trabalhadores despendem todo o seu salário em bens de consumo. De forma que o montante dos salários pagos na economia equivale ao montante de consumo da classe trabalhadora,  $C_T$ :

---

<sup>17</sup> Segundo Possas (1987, pp. 50 e segs), o princípio da demanda efetiva afirma, por oposição à Lei de Say, que **a demanda cria a sua própria oferta**. Vale dizer: mais do que **negar** a lei de Say – tarefa já realizada por inúmeros autores desde Smith, Malthus e Sismondi, até Marx, Hobson e Rosa Luxemburgo, etc -, Keynes e Kalecki **invertem-na**. A diferença, já observada, entre estes dois últimos autores encontra-se no fato de que, em Keynes, a anti-lei de Say só é plenamente válida em condições de equilíbrio de curto prazo abaixo do pleno emprego, enquanto para Kalecki o princípio da demanda efetiva é estruturalmente válido em economias capitalistas maduras. **Ao fundar seu modelo, simultaneamente, em Smith e em Keynes, North se filia, inadvertidamente à tradição kaleckiana de teorização da dinâmica econômica.**

<sup>18</sup> Quaisquer semelhanças do modelo que se segue com as modelagens da economia cafeeira capitalista paulista realizadas por Furtado (1984) e por Mello (1982) **não** são meras coincidências.

$$(ii) S_P = C_T$$

A produção do conjunto dos bens salário – alimentos, bebidas, têxteis, vestuário e calçados, sabão e velas, etc. – é rapidamente internalizada em P; de forma que a massa de salários,  $S_P$ , integralmente despendida em bens de consumo popular,  $C_T$ , corresponde ao valor do produto do Departamento de Bens Salário ( $D_3$ ) da economia periférica, P. Tal como o Departamento Exportador ( $D_X$ ), o  $D_3$  se estrutura em termos capitalistas, de forma que a renda agregada no setor também se divide em lucros ( $L_3$ ) e salários ( $S_3$ )<sup>19</sup>. De forma que:

$$(iii) S_P = C_T = D_3 = L_3 + S_3$$

Donde se extrai a “equação fundamental de troca interdepartamental”, de Marx, que afirma a igualdade entre os lucros do departamento produtor de bens salário e o montante dos salários pago(s) no(s) outro(demais) departamento(s). No nosso modelo:

$$(iv) S_P - S_3 = L_3 = S_X$$

Por oposição, os kistas deslocam suas decisões de gasto em consumo ( $C_K$ ) e em investimento (I) para o exterior<sup>20</sup>, de onde importam o conjunto dos bens que perfazem suas cestas de consumo e seus estoques de capital fixo. Na hipótese simplificadora de que as balanças comercial e de serviços estejam em equilíbrio ( $X = M$ ), é verdade que:

$$(v) L_P = C_K + I = M = X$$

Suponhamos que demanda e oferta agregadas encontrem-se equilibradas, bem como as Balanças Comercial e de Transações Correntes da Economia P. Neste caso, a renda interna bruta corresponde, por definição, ao conjunto das despesas com bens finais realizadas no interior da economia (no nosso exemplo, as despesas de consumo dos trabalhadores, consumo dos capitalistas, investimentos e exportações) subtraído da parcela

<sup>19</sup> Como se sabe, na tradição kaleckiana, o Departamento 1 “representa ... a produção total de todos os bens finais não utilizados para consumo.... [enquanto o] Departamento 2 ... produz bens de consumo para os capitalistas, e Departamento 3 ... produz bens de consumo para os trabalhadores” (Kalecki, 1983, p. 1.) A despeito dos Departamentos 1 e 2 não se encontrarem internalizados em nossa modelo, optamos por manter a referência ao Departamento produtor de Bens Salário como  $D_3$  para reforçar a percepção de que estamos modelando uma economia inconclusa e, por isto mesmo, periférica e subdesenvolvida

<sup>20</sup> Exterior é toda e qualquer economia externa ao território de P; não importando se se trata de uma outra região da mesma nação, ou de um outra região de um outro país, ou uma outra região de um outro “qualquer coisa”. A única exigência que se faz é a de que a estrutura e a dinâmica dos dois territórios sejam distintas, de

destes gastos voltada para a compra de produtos importados.

$$(vi) \quad Y + M = OA \equiv DA = C_T + C_K + I + X;$$

e

$$(vii) \quad Y = C_T + C_K + I + X - M = X + C_T + (C_K + I - M) = X + C_T.$$

Supondo, para simplificar, que a participação dos salários na renda ( $sy$ ) é a mesma para o conjunto da economia e no interior de cada departamento<sup>21</sup>, então ;

$$(viii) \quad S_X = C_T - S_3 = (1 - sy) C_T = sy \ X;$$

$$(ix) \quad C_T = [sy / (1 - sy)] X; \quad e$$

$$(x) \quad Y = (1 / sy) X$$

As equações ix e x explicitam a dependência da produção do Departamento 3 em relação às exportações; ou, se se preferir, explicitam o fato de que os trabalhadores só consomem se os capitalistas os contratarem; e estes só o fazem, se a contratação lhes garantir um lucro. Por sua vez a equação x esclarece que, na economia periférica P, a renda é função exclusiva das exportações X e da distribuição da renda entre salários e lucros. E isto na medida em que a produção do D3 é função direta da demanda dos assalariados de DX, que é função da demanda externa e do padrão de distribuição da renda interna. Um exemplo pode contribuir para a compreensão do modelo.

Tabela 1 – Sistema Kalecki-North de Reprodução de uma Economia Periférica

	DX	D3	Renda (Y)
Lucros (L)	100	200	300
Salários (S)	200	400	600
Produto (P)	300	600	900

O primeiro a salientar no quadro acima é que, a despeito do valor do produto destinado ao mercado interno ser superior ao valor do produto para exportação, tal fato não pode ser interpretado como uma demonstração da prevalência do mercado interno sobre o externo. Na verdade, no modelo Kalecki-North, **o mercado interno de bens salário só**

---

sorte a fazer com que cada região apresente respostas específicas e diferenciadas a estímulos similares e coetâneos.

<sup>21</sup> Vale dizer, supondo que  $S_P / Y = sy = S_X / X = sx = S_3 / C_T = sct$ . Para uma modelagem em que variam as participações dos salários no valor agregado dos distintos departamentos, veja-se Kalecki, 1977, pp. 2/3.



**existe porque existem assalariados trabalhando no setor exportador.**

Além disso, é preciso entender que, sendo a renda função exclusiva do valor das exportações e da distribuição entre salários e lucros, ela não pode ser **diretamente** afetada por variações em quaisquer outras variáveis, como o investimento em capital fixo ou o padrão técnico de produção. É só no caso dos investimentos afetarem aquelas duas primeiras variáveis, que eles podem influenciar a renda. Mais exatamente – e ao contrário do que pretende o senso comum e os economistas ortodoxos – **uma elevação dos investimentos** que não se faça acompanhar de uma elevação na demanda externa e/ou a uma melhora na distribuição de renda interna **não terá qualquer impacto sobre a renda e a produção**. Seu único impacto imediato é a depressão da taxa de lucro, determinada pelo crescimento do estoque de capital e da capacidade produtiva do sistema a uma taxa superior ao crescimento da demanda externa.

No mesmo sentido, a elevação da produtividade do trabalho associada à substituição de homens por máquinas nos dois departamentos do sistema só afetará a renda se afetar a demanda externa e/ou a distribuição interna da renda. Imaginemos que a elevação da produtividade no departamento X se faça acompanhar por uma tal variação em preços e quantidades que mantenha inalterado o valor agregado neste departamento, mas altere a distribuição entre lucros e salários no interior do mesmo para uma relação de 1:1. Supondo, ainda, que a nova estrutura distributiva também venha a se impor sobre o Departamento 3, os novos valores de equilíbrio da renda, dos lucros, dos salários serão:

Tabela 2 – Sistema Kalecki-North com Progresso Técnico Poupador de Tr

	DX	D3	Renda (Y)
Lucros (L)	150	150	300
Salários (S)	150	150	300
Produto (P)	300	300	600

Vale dizer: ao contrário do que pretenderia o senso-comum, as únicas consequência do progresso técnico nos termos supra-referidos são a depressão da massa da renda, da massa de salário e a redistribuição dos lucros totais em prol dos empresas de DX.

#### 4. North: do Engate à Endogenia

No parágrafo subsequente à passagem do ensaio de 59 em que referencia seu modelo de base de exportação de 55 na teoria smithiana do desenvolvimento, North diz:

“Entretanto, meu argumento original estava incompleto. A expansão de um setor de exportação é uma condição necessária, mas não suficiente para o crescimento regional.”(North, 1959, p. 335)

Mais uma vez, aqui, se manifesta a dificuldade de North em diferenciar o problema do “engate” e da “endogenia”. Só que, ao final deste trabalho, as razões desta dificuldade são mais fáceis de serem entendidas. Para North - como para Smith e Kalecki -, malgrado exceções absolutamente excepcionais, a condição **necessária** para a acoplagem de uma economia periférica a um núcleo dinâmico mercantil-capitalista é a identificação de - e a especialização em - um nicho suficientemente competitivo para garantir a conquista de mercados externos. Mas, a despeito de necessário, este movimento de “engate” da região-vagão no trem da acumulação mercantil é insuficiente para garantir que a mesma região venha a se tornar uma locomotiva. Segundo North

“Certamente, um dos problemas que mais causam perplexidade para o estudo do crescimento econômico tem sido o progresso diferencial entre regiões diferentes, que resulta de um incremento da renda proveniente do setor exportador. Por que uma área permanece presa a um único produto básico de exportação, enquanto outra diversifica sua produção e se torna uma região industrializada e urbanizada?” (North, 1959, p. 337)

E North responde:

**“As regiões que permanecem ligadas a um único produto de exportação não alcançam, quase inevitavelmente, uma expansão sustentada. Não apenas ocorrerá um amortecimento da taxa de crescimento do setor, o que acarretará efeitos adversos para a região, como o próprio fato de que ela continue presa a uma única indústria de exportação significará que a especialização e a diversificação do trabalho são limitadas fora dessa indústria. Historicamente, isso significa que uma parcela da população tem permanecido fora da economia de mercado.”** (North, 1959, p. 337; os negritos são meus)

Segundo North, inúmeros determinantes podem ser responsáveis por um “engate” mal-sucedido; desde determinações “técnicas” – como, por exemplo, a relação

preço/volume do bem exportado<sup>22</sup> -, até determinações culturais – como a propensão dos agentes da região periférica em adotarem padrões de consumo similares aos das regiões pólo, que também induziria a uma elevada propensão a importar. O que importa entender é que, segundo North

“À medida que a renda da região flui diretamente para a compra de bens e serviços fora dela, ao invés de causar um efeito multiplicador-acelerador regional, estará induzindo o crescimento em algum outro lugar. (North, 1959, 339)

E o desdobramento lógico desta assertiva kaleckiana é o reconhecimento de que a distribuição da renda e da propriedade é a condição primordial – e “quase-suficiente” – para a transição do “engate” para a “endogenia”. North ilustra esta conclusão com um exemplo expressivo, baseado na flexibilização da hipótese inicial de que produção mercantil da região periférica se organize em termos capitalistas:

“No primeiro caso haveria a tendência de se originar uma distribuição de renda extremamente desigual ... [que desestimularia] atividades econômicas do tipo doméstico. [Mas numa economia de pequenos produtores], com uma distribuição de renda mais equitativa, existe demanda para uma grande variedade de bens e serviços, parte dos quais seria produzida internamente, induzindo assim uma diversificação dos investimentos. ....  
[Além disso], na sociedade gerada pela lavoura do tipo ‘extensivo’, com sua distribuição de renda muito desigual, o proprietário de terras seria ... relutante em dedicar as receitas fiscais a investimentos em educação ou pesquisa que não as diretamente relacionadas com o produto básico da região. ... Em contraste, a região com uma distribuição de renda mais equitativa, seria bem consciente de que vale a pena melhorar sua posição comparativa através da educação e da pesquisa e, conseqüentemente, estaria mais disposta a orientar os gastos públicos nessa direção. O resultado seria uma melhora relativa na sua posição comparativa em vários tipos de atividade econômica e ... a ampliação da base econômica resultante” (North, 1959, p. 337)

Ao fim e ao cabo, os temas caros aos economistas do “supply side” – investimento em capital fixo e humano, P&D, progresso técnico, etc. – voltam à cena. Só que este retorno é subordinado a determinações postas no nível da demanda efetiva e da distribuição da renda, da propriedade e do poder político. Afinal, como bom institucionalista que é, North sabe que, em Economia, até a tecnologia é uma questão Política.

---

<sup>22</sup> Segundo North, se se utiliza “o transporte marítimo de produtos volumosos para fora da região .... os fretes de retorno são muito baixos e reforçam a posição competitiva das importações em relação aos bens produzidos internamente.” (North, 1959, p. 338)

## BIBLIOGRAFIA

- CLIFTON, J. A. (1977) "Competition and the Evolution of Capitalist Mode of Production". In: *Cambridge Journal of Economics*. Vol. 1(2), pp. 135-151
- FURTADO, C. (1984). *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional.
- HODGSON, Geoffrey. (1999). *Evolution and Institutions: On Evolutionary Economics and the Evolution of Economics*. Cheltenham: Edward Elgar.
- KALECKI, M. (1977) "As Equações Marxistas de Reprodução e a Economia Moderna". In: *Crescimento e ciclo das economias capitalistas*. São Paulo: Hucitec.
- MARX, Karl.(1985) *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global.
- MELLO, J. M. C. (1982) *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Brasiliense.
- NORTH, D. C. (1955) "Location Theory and Regional Economic Growth". *Journal of Political Economy*, LXIII, june. (Versão em português em SCHWARTZMANN, J.1977).
- NORTH, D.C. (1959) "Agriculture in Regional Economic Growth". *Journal of Farm Economics*, 41(5), december. (Versão em português em SCHWARTZMANN, J. 1977)
- OSIATYNSKI, J. (ed. 1990) *Collected Works of Michal Kalecki*. Oxford: Clarendon Press.
- PAIVA, C.A.(1996) "Kalecki: um anti-keynesiano?". In: *Revista de Economia Política*, 16 (61).
- POSSAS, M. L. (1987) *Dinâmica da Economia Capitalista*. São Paulo: Brasiliense.
- SCHUMPETER, J. (1984) *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SCHWARTZMAN, J. (org. 1977) *Economia Regional: textos escolhidos*. B.Horizonte: Cedeplar.
- SMITH, A.(1982) *A riqueza das nações*. São Paulo: Abril Cultural.
- STIGLER, G. (1951) "The Division of Labor is Limited by the Extent of the Market." *Journal of Political Economy*, vol. 59, jun.
- WATKINS, M. H. (1963) "A Staple Theory of Economic Growth". In: *The Canadian Journal of Economic and Political Science*, 29(2), Mai. (Versão em Português em SCHWARTZMAN, J. 1977)

## Resumo

O objetivo deste trabalho é demonstrar que a teoria de desenvolvimento regional de Douglas North é coerente com teoria smithiana do desenvolvimento e com a versão kaleckiana dos determinantes da renda e do investimento. Assentada sobre bases teóricas e metodológicas pertinentes, a teoria de Douglas North mostra-se uma base sólida para a construção de políticas regionais de desenvolvimento de corte heterodoxo.

## Abstract

The aim of this paper is to prove that Douglas North's theory of regional development is compatible with Smithian theory of development and with Kaleckian version of income and investment determination. Laid on its pertinent theoretical and methodological basis, North's theory shows to be a solid basis to the construction of heterodox regional policies of development.